

VOZ *das* CINCO VILAS

AVENÇA

ANO V
ABRIL DE 1971

N.º 52

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ADRIANO SIMÕES SANTO. — REDACTORES: ACÍLIO E. ROCHA, CARLOS M. MENESES FALCÃO. — ADMINIST.: SERAFIM AFONSO, ARMÉNIO M. FERREIRA — Comp. e Imp.: Gráfica de Coimbra

Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE (Tel. 32191—Avelar)

PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO



Páscoa!
Ressur-
reição!

A Festa da Páscoa é antiga e sempre NOVA, precisamente porque significa a PASSAGEM PARA UMA VIDA NOVA. A Ressurreição de Cristo, passando da morte para a vida, é o símbolo da nossa passagem da vida de pecado para a Graça, vida de união com Deus. Na medida em que nós nos enchemos de graça de Deus, vivemos em cheio a festa da Páscoa.

«Ressuscitou...». É o jubiloso anúncio do Anjo às piedosas mulheres que foram ao sepulcro para ungir o corpo do Mártir Divino. Cristo triunfa da morte e com a sua Ressurreição livra todos os homens da morte do pecado.

Cristo que disse «eu sou a ressurreição e a vida», agora dá-nos a prova. Ressuscita Ele, e com Ele e n'Ele ressurgem para a vida eterna as almas por Ele libertas do pecado e restituídas ao seu eterno destino de herdeiras do Paraíso.

A Páscoa cristã é essencialmente uma festa de Paz e Alegria. Recebamos com alegria a saudação do Redentor ressuscitado: «a paz seja convosco» e conservemos no coração o grande dom que ele nos oferece fazendo com que o alegre anúncio do grande acontecimento tenha eco em todos os corações, até nos mais endurecidos, para que em toda a criatura se realize o milagre da Ressurreição proclamado pelos sinos, anunciadores do verdadeiro triunfo d'Aquele que é Verdade, Bondade, Amor...

«GAIATOS» no AVELAR

FESTA — DIA 2 DE MAIO

Conforme anunciámos no último número, os rapazes das Casas do Gaiato, do Padre Américo, proporcionar-nos-ão uma animada sessão de Teatro na Casa da Música, de Avelar, no próximo dia 2 de Maio.

É em Lisboa no «Monumental»!... é no Porto, é em Coimbra, é em Aveiro, etc., etc.. Foi o ano passado em Chão de Couce e este ano no Avelar! As festas dos «gaiatos» são sempre um sucesso!

É, como sempre, uma festa empolgante, cheia de juventude, alegria e arte. E divertindo-nos, colaboramos com uma das mais belas obras de assistência de Portugal — uma Obra que presentemente, em cerca de uma dezena de casas, assiste e promove mais de 600 jovens que foram «farrapos» da rua.

UMA PÁGINA DO PADRE AMÉRICO

Assim escreveu o Padre Américo no seu jonal «O Gaiato», alguns anos antes de falecer:

Evangelizar os pobres, é muito divino

A onda de pobres cresce, na medida em que deles nos esquecemos. Não que sejamos capazes de os exterminar nunca. Se Judas vendesse por um mar de dinheiro, em Betânia, o frasco de perfumes não resolvia a questão dos pobres, porque... **havemos de os ter sempre na nossa companhia.** É palavra eterna. Os vizinhos da porta são pobres. Temos pobres nos parentes afastados.

Portas de templos, saída de comédias, alamedas de sombra, artérias de luxo, — quem não vê mãos impertinentes a pedir esmola? Romarias do norte, caminhos da aldeia, gente da serra — po-

(Continua na pág. 3)

O Orfeão de Vagos em Chão de Couce

O prestigioso agrupamento artístico «Orfeão de Vagos», da terra da naturalidade do sr. Dr. D. João Pais de Almeida e Silva, médico em Chão de Couce, apresentar-se-á em breve, possivelmente em Junho, nesta vila na Associação de Cultura, Recreio e Beneficência.

Esta é uma notícia que apresentamos com júbilo e que, por certo, despertará justificado interesse na nossa região.

Desastre mortal na Ameixieira



No passado dia 26 de Março, deu-se um horrível desastre na estrada da Ameixieira, no qual perdeu a vida o sr. António dos Santos, de 49 anos de idade, filho do sr. Manuel dos Santos, do Ribeirinho.

Foi o caso que aquele senhor, conduzindo um carro da Manutenção Militar de Lisboa, de que era funcionário, e passando próximo da sua terra, em serviço, propôs-se ir visitar seu pai que conta 87 anos de idade e se encontra doente.

Sucedeu que, próximo da Ameixieira, o carro derrapou na berma da estrada, voltando-se na encosta. Eram 0 horas. O ajudante, que pouco sofreu, perdeu-se na escuridão da noite, só alcançando a povoação, após mais de 3 horas. Só cerca das 4 horas da manhã é que chegaram os primeiros socorros, o que foi inútil, pois o infeliz António dos Santos estava morto dentro do carro.

O seu corpo foi trasladado para o cemitério de Olivais (Lisboa), a pedido de sua esposa.

O caso causou a maior consternação não só à família mas a

(Continua na pág. 4)

Vem, amigo, para veres e meditates!

MAIS uma vez os gaiatos do Padre Américo vêm até nós, numa embaixada de alegria e beleza, no próximo dia 2 de Maio. Diante de nós, pois, um caminho se abre, propício à meditação, à conversão interior.

O homem de hoje, politraumatizado pelas guerras, pelos acidentes, perseguido pela morte, que olha como um espectro, na ânsia de mais viver, tentando por todos os meios afastar a dor, tem necessidade de estacionar por vezes, na montanha do amor, que é a montanha de Cristo, e que sendo calvário é simultaneamente montanha de salvação! Urge pois parar, nesta nossa caminhada existencial, e procurar despertar as nossas próprias consciências e as dos nossos amigos, perguntando a cada um, silenciosamente, se terá cumprido com o seu dever de solidariedade humana, de amor para com o próximo.

E a obra do Padre Américo é um livro aberto, onde todos e cada um de nós pode e deve ir buscar um exemplo maravilhoso e único. Exemplo de caridade cristã autêntica, vivida, sentida em cada momento, em cada farrapo humano, que era preciso regenerar e ele tornou válidos para a sociedade futura. Lá, melhor que em nenhum outro local, vive-se a parábola do bom samaritano, fazendo o bem pelo bem, olhando em cada criança abandonada, sacudida por uma sociedade incapaz de se deter, como um manancial inesgotável de valores que se não podem, nem devem perder, pois temos o dever de ajudar.

(Continua na pág. 3)

O «INFANTE DE SAGRES» DO AVELAR EM PASSEIO POR TERRAS DA GALIZA

Aqui damos conta de mais uma **incursão** pelas vizinhas terras da Galiza. A tradição dos últimos anos vem-se confirmando e alargando horizontes. Professores e alunos do nosso Colégio Infante de Sagres acharam curtos estes quatro dias de camaradagem, cultura e recreio.

— No estilo das velhas Crónicas, começamos. Eram 7,30 daquela brumosa manhã de 29 de Março, quando cantámos e cum-

gozámos a paisagem, visitando a seguir as famigeradas Caves da Raposeira, admiradas e saboreadas na taça de espumante gentilmente oferecida pela gerência. Anotamos apenas as terras entrevistadas de passagem: Régua, Vila Real, Pedras Salgadas, Vidago e Chaves. Nesta cidade: abastecimento do veículo e descontracção dos inquilinos. Passagem da fronteira em Vila Verde da Raia. Burocracia alfande-



primos a cantiga «indo tu, indo eu, a caminho de Viseu». Da velha cidade de Viriato e do Infante D. Henrique, Duque de Viseu, visitámos mais devagar a Sé com o seu valioso tesouro, as admiráveis pinturas do Museu Grão Vasco e de passagem, a Casa de Viriato.

De Lamego recorde-se a beleza do Santuário da Senhora dos Remédios, onde almoçámos

gária reduzida ao mínimo. Arrancada, a grande velocidade, a minho de Orense. O esperado jantar, sem incidentes. Consta que houve quem dormisse pouco: alguns por anacronismo das respectivas camas, anteriores aos insecticidas (!) outros porque se distraíram tanto que ao regressar ao hotel, eram horas de partir...

(Continua na pág. 3)

A V E L A R

Semana Santa

Como no resto da Cristandade, também o Avelar comemorou condignamente na Semana Maior do ano, a Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. No Domingo de Ramos, antes da missa paroquial, benzeram-se os ramos e organizou-se a procissão, abrilhantada pela Filarmónica Avelarense. Na segunda-feira começou uma série de palestras de formação religiosa a cargo do P. Manuel Simões, S.I. Os três últimos dias da semana foram solenizados pela comemoração da Ceia do Senhor (quinta-feira) Paixão e Morte (sexta-feira) e Ressurreição (Vigília Pascal).

Nesta quadra muitas foram as pessoas que receberam o Sacramento da reconciliação e participaram na Eucaristia.

Como remate, no Domingo de Páscoa decorreu a Visita Pascal, caracterizada pelo costumado ambiente de gentileza, paz e alegria cristã.

Vende-se

Por motivo de retirada, 2 sortes de pinheiros e 1 de eucaliptos na serra de Aguda—Figueiró dos Vinhos, prestes a darem corte para celulose. Têm bons acessos de camionagem.

Trata: Manuel Braz Faria.
Av. Dias da Silva, 97-r/c.
Coimbra.

O «Infante de Sagres» do Avelar em passeio

(Continuação da 1.ª pag.)

—Dia 30. De caminho a caravana parou em Lugo para visitar as velhas e imponentes muralhas romanas e a riquíssima catedral. O almoço foi já comido em La Coruña, merecendo referência o serviço do Hotel Orensana. De «paraguas» na mão a tarde destinou-se a compras, a visitar a cidade e subir à Torre de Hércules, o farol mais antigo do mundo, ainda em funcionamento (séc. II).

—Dia 31. Imitando os antigosromeiros, eis-nos a caminho de Santiago de Compostela. Passado o Pórtico da Glória, visita demorada à admirável catedral, repositório dos variados estilos, que durante mais de sete séculos honraram «el Apostol» com arte e esplendor. Por estarmos no ano Santo Compostelano não deixámos de passar duas vezes a Porta Santa e de tocar com a mão o granito, em obediência ao costume tradicional... Visita da cidade velha e da Universidade onde fomos fidalgamente recebidos pelo magnífico Reitor que nos mandou obsequiar com generoso beberete. Ao almoço fizemos as honras à «paella Valenciana».

Embalados por canções, umas tradicionais outras fruto da inspiração de momento, seguimos ao longo das típicas rias galegas. Não deixámos de pisar a ilha de «La Toja» e admirar a paisagem cantada pelos antigos poetas trovadorescos.

Lanche em Pontevedra. A demora não deu para grandes compras. Ainda assim observámos a Basílica de Santa Maria com o portal «plateresco» mais belo da Galiza. Vigo e o seu Hotel Cendón esperavam-nos. Rico hotel de facto e óptimo jantar.

—1 de Abril. O último dia aproveitou-se visitando o monte de El Castro, sobranceiro à cidade e às rias, e na corrida às compras onde a maioria esban-

jou sem dó nem piedade a copiosa reserva de pesetas levada de Portugal.

Após o almoço, de grata recordação, iniciámos o regresso. Em Panjon visita ao monumento aos mártires do mar; depois ao Promontório de Monte Ferro a Playa America, em Baiona a Virgem da Roca, e finalmente em La Guardia o majestoso monte de Santa Tecla donde se admira um dos panoramas mais surpreendentes sobre o rio Minho e Portugal.

Em Tuy foi a despedida e aí nos despedimos das últimas pesetas. Chegados à fronteira de Valença devem referir-se dois factos: a aflição (aliás escusada) de passar sem reparo todos os queridos «recuerdos» (que o

Agradecimento

A família de D. MARIA AUGUSTA DE JESUS SIMÕES, que foi natural de Almofala de Baixo e ali residiu, recentemente falecida em Serra de Mouro, sensibilizada pelas atenções recebidas neste transe em que a profunda dor a atingiu, vem por este meio patentear o seu sincero reconhecimento a todas as pessoas que tiveram a bondade de por qualquer modo lhe manifestar a sua solidariedade.

Igualmente agradece a todos quantos acompanharam aquela sua querida e saudosa extinta, ao longo do percurso e até à derradeira morada no cemitério paroquial de Aguda.

A todos, o seu indelével reconhecimento.

digam a D. Maria Eduarda, a D. Maria Clara, a D. Maria Alice e o senhor Albano...) e a corrida contra-relógio a caminho de Pedras Rubras, a fim de o nosso Director Dr. Jorge Condorçet «pegar» o avião para Lisboa, seguindo noutro para Paris.

O jantar foi comido pausadamente num snack-bar do Porto. Contraíram-se alguns empréstimos da última hora. O Programa falava cautelosamente da chegada ao Avelar como «muito duvidosa» devido a «muitos factores que não vale a pena enumerar». O certo é que chegámos finalmente sãos e salvos, quando os relógios marcavam já três horas da madrugada do dia seguinte. — X.

A G U D A

Comunhão Pascal

Decorreu no passado dia 6 a Comunhão Pascal, na igreja paroquial da Aguda, na qual participaram algumas centenas de católicos praticantes.

Estiveram presentes alguns sacerdotes.

Durante algum tempo continuará ainda a cumprir-se na igreja ou nas capelas o cumprimento deste preceito.

Falecimentos

Na vila de Aguda faleceu no passado dia 5 a sr.ª Ana de Jesus, filha de José Nunes e de Maria de Jesus, natural da Rapoula.

Era viúva de Custódio Augusto e mãe da sr.ª Preciosa Nunes, casada com o sr. Mário Simões, e do sr. Manuel Augusto, da Rapoula.

—Em Serra de Mouro, freguesia de Chão de Couce, faleceu no passado dia 20, a sr.ª D. Maria Augusta de Jesus Simões, viúva de Manuel Simões, naturais de Almofala de Baixo.

A extinta senhora que tinha 86 anos de idade, muito estimada na região, era mãe dos srs. Manuel Simões Marques, proprietário e funcionário da divisão Hidráulica do Tejo, casado com a sr.ª D. Georgina Augusta da Silva Marques, e António Simões Marques, proprietário e industrial, casado com a sr.ª D. Almerinda Medeiros da Silva Marques.

Também era avó do sr. Dr. Arménio Rocha Marques, distinto clínico, casado com a sr.ª Dr.ª D. Nelma Cardoso Rocha Marques; sr.ª D. Zulmira Silva Marques, sr. Oscar Simões Marques, estudantes.

O funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério de Aguda, constituiu sentida manifestação de pesar, e nele se incorporaram centenas de pessoas no extenso percurso que separa as duas povoações de freguesias vizinhas.

Às famílias em luto apresentamos sentidos pêsames.

POUSA FLORES

Nova orientação pastoral, na Visita Pascal

A próxima visita pascal será a trigéssima sexta na vigência do actual pároco. Foi a primeira no já recuado ano de 1936. Durante 27 anos seguidos foi percorrida a paróquia, apesar do acidentado do terreno e das grandes distâncias da matriz. Eram 3 dias bem cheios. Em 1963, porém, já com os 50 ultrapassados, os achaques começaram a aflorar. O nosso pároco teve que recorrer a um seminarista e assim continuou até ao ano de 1966, inclusivé. No ano de 1967, os povos situados a poente da Serra, ficaram radiantes ao ter conhecimento de que o nosso conterrâneo, sr. Padre Manuel Simões, ilustre ornamento da Companhia de Jesus, vinha fazer-lhes a visita pascal. Deste modo já o pároco poderia, embora mais lentamente, visitar as restantes populações da freguesia, pouco mais dum terço da totalidade dos fogos. E assim se fez até à Páscoa de 1970. Nesse ano, porém, ao terminar penosamente a visita, o nosso pároco chegou à conclusão de que, nem mesmo nessa zona restrita poderia continuar.

Que fazer então na Páscoa de 1971?

Depois de serem consultados alguns paroquianos, foram estes unânimes em afirmar que a visita pascal nos moldes em que era feita, pouco ou nada valia sob o ponto de vista pastoral, pois a impressão geral dos fiéis era esta: o padre anda, de casa em casa, à caça da moeda apresentada no pires ou na laranja! Outros diziam: agora é o S. Miguel do padre!

Já há muitos anos que o pároco tinha essa impressão e isso causava-lhe tristeza.

Por feliz coincidência, depa-rou-se a oportunidade para resolver, o mais satisfatoriamente possível, o problema. Na Páscoa do ano passado ficaram duas povoações mais distantes, por visitar, devido ao extremo cansaço do nosso pároco. É-lhes marcado o domingo de Pascoela para o encontro em local determinado. Lá estava toda a gente, à hora anunciada, cheia de alegria, à espera do pastor. Trocaram-se impressões durante uma boa meia hora, deu-se o Senhor a beijar e voltaram felizes para suas casas.

Deste facto partiu a ideia para lançar a nova orientação pastoral na visita pascal do presente ano.

Foram marcadas 9 zonas, cada uma delas constituída por uma povoação ou grupo de povoações, para que os fiéis se reunam em determinado local. Um grupo de jovens, previamente ensaiados, executará cânticos alusivos à Ressurreição do Senhor; o Pároco saudá-los-á e fará a chamada dos chefes de família, dando-se em seguida a beijar a imagem do Senhor Crucificado. E com um cântico, termina o encontro pascal da zona. Foi resolvido não se aceitar qualquer oferta. Como porém os dois terços de paroquianos, visitados pelo sr. Padre Simões, são também filhos e não

enteados, igual medida se estendeu a esses povos.

Não há que recear, nem mesmo para os párocos futuros, a falta do necessário para a sustentação do pároco de Pousaflores, pois, na 1.ª Cóngrua referente a um dia de trabalho, praticamente nenhum chefe de família deixou de contribuir, e pode-se garantir que o fizeram espontaneamente, pois foi dito com toda a clareza que a recusa do pagamento não implicava qualquer represália da parte do pároco e gozariam dos mesmos privilégios dos restantes paroquianos, isto é, teriam gratuitamente os funerais, casamentos e respectivos processos habituais, baptizados e ainda os selos a colar nos registos respectivos. A razão é que, ao contributo da cóngrua paroquial é preciso aliar a nunca desmentida generosidade do bom povo da paróquia de Pousaflores.

Por isso estou certo que os futuros párocos não lançarão a maldição àquele que actualmente dirige os destinos espirituais da paróquia.

Luz eléctrica junto à capela do Anjo da Guarda

Mais uma promessa em vias de empreendimento. Há cerca de 3 ou 4 anos, durante uma mezenha no abrigo dos caçadores, lamentou-se a falta de luz no Anjo da Guarda. Logo três pessoas muito ilustres, fizeram solenemente a seguinte promessa: Eu forneço os postes desde o transformador nas Adegas; eu farei com que a Câmara tome a seu cargo a alimentação nocturna duma lâmpada junto à capela; e a terceira pessoa remata: e eu pago o resto.

Certamente não me ralharão se citar os seus nomes. Trata-se dos srs.: Prof. Elísio de Oliveira, Comendador Alberto M. Rosa e Manuel Gomes. Graças a Deus que não se esqueceram. Bem hajam.

Anjo da Guarda Miradouro

Vimos, cheios de satisfação, uma bela placa de mármore junto à capela de S. Lourenço, a indicar o rumo em direcção do Anjo da Guarda. Deve-se à iniciativa do sr. Alfredo Caetano da Silva. Bem haja.

Do PESSEGUEIRO

Melhoramentos públicos

A inteirar-se das mais prementes necessidades da zona, deslocou-se ao Pessegueiro o sr. Presidente da Câmara, Prof. Elísio Mendes, acompanhado dos vereadores srs. Alfredo Gonçalves e Acácio Alves, resultando desta sua visita autorização para se abrir mais um fontenário, que melhor sirva os povos do Lagar e Vale do Pessegueiro, e tomarem-se providências para se reparar a estrada da Escola à Capela do Pessegueiro, cujos trabalhos estão em curso. Bem hajam Sua Ex.ª e os seus colaboradores, e oxalá se não faça esperar muito mais a satisfação ao maior anseio do povo da zona, que era usufruir o benefício da tão necessária energia eléctrica, há muito prometida, mas morosa em chegar. — C.



Franco Cabeleireiro

ARTE E BOM GOSTO
ao Serviço da Beleza Feminina

Filial: Vila do Espinhal, Abertos às 2.ª-feiras
Telef. 32101 (Avelar)

CHÃO DE COUCE

Salão Paroquial

A ideia das obras no Salão Paroquial não morrerá. Entrando no campo das realizações concretas, está já a elaborar-se o necessário projecto cujo esboço contámos publicar em breve.

As ajudas também vêm chegando. Agora coube a vez à família do nosso bom amigo sr. Albano Marques, vindo recentemente da Venezuela. Começou pelo filho, noivo, continuando pelo noivo da filha, acabando em si. Todos espontaneamente, sem que lhe pedíssemos, ao saberem dos nossos projectos, abriram as carteiras e colaboraram.

Eis as contas:

Saldo do n.º anterior	35.950\$00
Arménio Marques ...	1.000\$00
Albino Rodrigues ...	500\$00
Albano Marques	500\$00
Total	37.950\$00

A nossa maior gratidão.

Comunhão Pascal

Decorreu com boa frequência a Comunhão Pascal da nossa paróquia.

Nos dias 2 e 28 de Março foi, respectivamente, na capela da Ameixieira e igreja de Chão de Couce, para o povo, excluída a juventude.

Em 4 de Abril foi o dia da Juventude. Algumas centenas de jovens fizeram manifestação viva de fé e união a Cristo, participando conscientemente na Eucaristia, numa celebração rica de entusiasmo. No final houve convívio no Salão Paroquial com lanche, oferecido, em parte, pelas raparigas e com sessão recreativa com a apresentação de canções, entrevistas, e, até, um concurso tipo zip-zip.

Novos Lares

No Santuário de Fátima realizaram-se dois casamentos de jovens da nossa paróquia.

No dia 28 consorciaram-se Arménio Mendes, filho de Adriano Mendes (falecido) e de Maria do Carmo Medeiros, de Lameiras, com a menina Maria

presidido pelo Pároco de Chão de Couce, Joaquim Mendes e José Arménio Rosa Henriques.

No dia 7 de Abril foi o casamento de Arménio Marques, filho de Albano Marques e de Lucília de Jesus, de Freixeira, recentemente vindos da Venezuela.



la, com a menina Maria Eduarda Norte Ferreira, de Tojeira, filha de Manuel Ferreira Lopes e de Ana de Jesus Norte.

Apadrinharam Manuel Simões Santo e Joaquim dos Santos.

Desejamos-lhes as melhores venturas.

Novos Cristãos

Tornou-se cristã pelo sacramento do Baptismo, Célia Maria de Jesus Rocha, filha de Manuel de Jesus Rocha e de Maria Idalina de Jesus Luís, de Alqueidão. Foram padrinhos Anibal Mendes e Elvira de Jesus.

Desejamos-lhes as maiores bênçãos de Deus.

Melhoramentos

Está a ser reparada com neva camada de brita e alcatrão, a estrada da Ameixieira a Chão de Couce.

Também idêntico melhoramento vai ser feito na estrada da Ramalha, ao Alto de Mouta Bela.

Notas Pessoais

Em honrosa vista à nossa terra, encontram-se entre nós o sr. Dr. António Furtado dos Santos, ilustre Procurador Geral da República, e os srs. Juiz Conselheiro Dr. Alberto Alves Pinto e Juiz Dr. Manuel Menezes Falcão.

Regressado dos Estados Unidos da América encontra-se de novo entre nós o sr. Comendador Alberto Mendes Rosa.

Os nossos cumprimentos.

Transcrições

O jornal «Sol da Bairrada», da Mealhada, transcreveu parte da entrevista publicada em «Voz das Cinco Vilas» no seu número de Fevereiro.

Também o jornal «Luz», do Paião, nos deu a honra de transcrever uma das últimas Notas do Mês.

Gratos pelas deferências.

«Casa de Chão de Couce» em Cascais?

Comunicam-nos que alguém sugeriu e pôs a hipótese da criação da Casa de Chão de Couce em Cascais.

Ao que parece, a ideia está de pé e bem poderá ser que se concretize.

Por nossa parte só temos que aplaudir. Assim as dezenas de famílias de construtores civis, operários, funcionários, etc., naturais ou ligados a esta freguesia e radicados não só naquela vila como em toda a Costa do Sol, teriam um local de reunião e de convívio muito útil e agradável.

Embora tal nos não tenha sido solicitado, permitimo-nos sugerir que todos os interessados manifestem a sua adesão a esta ideia, comunicando-a ao nosso jornal.

VOZ das CINCO VILAS

ORGÃO INTERPAROQUIAL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração

CHÃO DE COUCE

Telefone 32191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

Continente	20\$00
Ultramar Português e Estrangeiro	30\$00
Por avião	60\$00

(Pagamento Adiantado)

Pagamento de assinaturas

Com 200\$00 — João Fernandes — Luanda.

Com 140\$00 — J. M. Lopes — pes — E. Unidos da América.

Com 100\$00 — Arlindo Mendes Joaquim, de Nampula; Fernando Rodrigues — Santos; Acílio da Ascensão Silva — Alqueidão; Dr. Arménio António Cardo, Lisboa; Ricardo Martinho Antunes — França; Evaristo Godinho — Malawi.

OUTROS ASSINANTES

José Henriques Marques dos Santos — L. Marques (2 anos); D. Maria Helena Ferreira Medeiros — Rodésia (2 anos); Alberto Jardim Fernandes — Lameiras; Manuel Mendes Tojo — Ribeirinho; Maria da Conceição Serra — Casal Soeiro; D. Ana da Silva Rosa — E. U. da América; Etelvina da Conceição — Luxemburgo; Alberto Costa — França; Francisco de Melo — Venezuela; Alfredo Teodósio — Alvaiázere; Alberto Fernandes — Joanesburgo; Augusto Freire Lopes — Venezuela; P. Rolando dos Prazeres Simões — Pampilhosa; Albino dos Santos — Almada; Arménio Gaspar — Murtal; Augusto Marques — Luanda; Fernando da Conceição Gomes — França; D. Arcelinda Afonso — Lisboinha; Ernesto Medeiros — Luanda; Joaquim dos Santos — Chão de Couce; Alberto dos Santos — Ansião; Albano Marques — Venezuela; José dos Santos (C.P. 1179) — Lobito; Faustino Borges do Rego — Casal Pedro; Joaquim Gomes — Alvaiázere; António Moreira — Fato; António da Silva Fari-

Vem, amigo, para veres e meditares!

(Continuação da pág. 1)

Acolhendo de braços abertos os mendigos, os vadios, os filhos de ninguém, as crianças, criadas à margem, duma sociedade que diz ser civilizada... dando-lhe um lar modesto, mas limpo, confortável, pleno de amor e de compreensão. São assim as casas do gaiato de Miranda, de Paços de Sousa, Setúbal, Viseu, Lisboa, Coimbra e Ultramar. Lá dentro não se olha a sacrifícios, nem se foge às dificuldades.

Parece-nos desnecessário encarecer a Obra da Rua, porque ela é bem conhecida no Mundo, já transpõe as próprias fronteiras do nosso país. Já se impôs. Mas, talvez que, alguns dos nossos leitores e amigos, mais apressados, não tenham ainda dado conta da sua presença grandiosa e perguntem: Mas afinal quem são? Pois bem, no dia 2 de Maio, às 21 horas, em Avelar, eles, os pequenos gaiatos, virão dizer-vos ao vivo, o que é o milagre de amor dessa Obra de Sonho! Hoje são um punhado de rapazes exuberantes de vida, de mocidade sadia, trabalhadora, ordeira, que sabem o que querem e para onde caminham, que vêm até nós! Ontem, eles eram os filhos de ninguém, os garotos escoraçados das ilhas, dos bairros de lata, os vadios, talvez muitos deles já com cadastro policial secreto, dada a sua menoridade. Sujos e descalços, famintos de pão e de amor, sem lar, sem o conforto a que tinham legítimo direito, sem pai ou sem mãe, ou ainda, aqueles que, sabendo quem eles eram, prefeririam hoje tê-los perdido logo ao nascer! Eles eram os indesejáveis.

Criados ao abandono, sem carinho, sem lar, em ambiente de moralidade chocante, atirados para a rua como peso morto ou estorvo, essas crianças encontraram nas casas do gaiato, um lar modelo, onde em pouco tempo e como que por milagre, se sentem totalmente recuperados e membros duma família exemplar. Pelo trabalho, por eles próprios dirigido, e com um clima de amor dos mais belos e perfeitos que temos encontrado, em pouco tempo, surgem-nos de alma nova, verdadeiros valores na sociedade do futuro. São carpinteiros, soldadores, tipógrafos, estudantes das escolas técnicas, dos liceus e até das universidades, são professores primários, são homens de bem, válidos, a mostrar a toda uma multidão de indiferentes ou apáticos, que vale a pena lutar, ir ao encontro de alguém e dar-lhe amor, e em troca, o Senhor nos dará cem por um!

Amigo, nós contámos contigo. Com a tua presença carinhosa, com o calor dos teus aplausos, que também são dádiva generosa, com a tua ajuda. Nós queremos que venhas para ver, com os teus olhos, aquilo que tu e eu, e nós, podíamos fazer, se nós quiséssemos deter-nos apenas um pouquinho! Vem e nós temos a certeza antecipada de que vais com a alma cheia, vais sentir que valeu a pena, e quem sabe, talvez vás, até, mudar de vida, perante tão gritante realidade.

Não faltes, amigo. Contámos com a tua presença, e com a tua generosidade também.

TAISS

Marcação de bilhetes: Telef. 32304 — Avelar — Farmácia Medeiros; Telef. 32191 — Padre Adriano — Chão de Couce; Telef. 32369 — Padre José Carlos Martins — Avelar.

«GAIATOS» NO AVELAR

(Continuação da 1.ª pág.)

bres que pedem esmola. Asilos, creches, hospitais, Albergues, — havemos de os ter sempre na nossa companhia

A gente fica a cismar nas leis acertadas que, às vezes, aparecem no País, com mira a exterminar o pedinte das ruas das cidades, coisa indecorosa para os nossos tempos, dizem, e para a dignidade humana. Mais acertada seria a lei de protecção, e melhor do que leis, a caridade que não as toma nem as quer.

Não. Exterminar, nunca; remediar, isso sim. Ajudai-me a remediar vidas difíceis e resignadas.

Ninguém pode acudir a tudo, mas dentro da nossa pequenina área, pode fazer-se imenso. Os que trilharam estes pisos da pobreza alheia, usam uma linguagem viva e penetrante, que é moção divina nos corações de quem na ouve.

Sem no saber, metemos as mãos nas algibeiras de toda a gente... Porque Deus toca os corações de quem dá. — P.º Américo.

ALUGA-SE Dramas da Emigração

Estabelecimento, o mais bem situado de CHÃO DE COUCE Informa esta Redacção.

nha — C. S. Simão; Augusto da Silva — Palheiros; Carlos Simões Pinheiro — Brasil; Fernando Rosa — Furadouro; Elisa da Silva — Serra do Mouro; Fernando Antunes Curado — Cabequinho; Augusto Jorge Bártolo — Serra; Joaquim Francisco — Lisboa; Arlindo Marques Rosa — Lisboa.

«O Emigrante», jornal do emigrante português em França, relatou num dos seus últimos números, o caso de uma criança portuguesa devorada pelos ratos quando permanecia sôzinha numa «roulotte», que os pais compraram e improvisaram em residência.

O pai trabalha na construção civil e a mãe trabalha como «mulher a dias».

Não precisa de comentário.



Celeste de Jesus Veríssimo, filho de José Veríssimo e de Deolinda de Jesus, da Espinheira. Apadrinharam o acto, que foi

COLABORAÇÃO JOVEM Impressões do Estrangeiro

Voz
das
Cinco Vilas

Pelo Progresso Espiritual
e Social da Região

NOTA DO MÊS

É PRECISO AMAR O TRABALHO

«O trabalho vence tudo», diz o nosso povo. Embora isso não seja totalmente verdade — muitos não vencem apesar de todo o esforço! — o certo é que, dum modo geral, o homem que luta e trabalha, num clima de persistência e seriedade, acaba por erguer-se na vida.

Há muitos a quem toca a asa do infortúnio porque não trabalham. Sujeitar-se a um mister mais duro — isso não é com certos senhores. Cumprir, servindo lealmente, nem sempre se vê... É até muito frequente o patrão lastimar a falta de consciência do trabalhador que não produz o que em justiça deveria.

Ao trabalhador o u v e - s e mais falar em direitos do que em deveres.

Sente-se uma falta de espírito de trabalho, o que gera, naturalmente, ausência de progresso, ambiente de mal-estar, desordem moral. Onde não há espírito de trabalho cresce o vício e o pecado.

Cristo Jesus amou o trabalho. Ele foi operário.

Recentemente o Papa Paulo VI, dirigindo-se aos «Cavaleiros do Trabalho» italianos, que recebeu em audiência, falou-lhes assim: «É preciso amar o trabalho. Exorto-vos a este amor ao trabalho, abenço-o e desejo que ele se torne para vós assunto de meditação.»

E ainda: «Só o conceito cristão do trabalho se pode traduzir em bem-estar, apoiando-se e estimulando a pessoa humana.»

Repetimos a palavra do Papa: «é preciso amar o trabalho.»

Que ninguém se queixe da vida se não tem espírito de trabalho, se não está disposto ao sacrifício, para cumprir a sua missão, se encara o trabalho como fardo, aceite em espírito de revolta.

O homem que trabalha e cumpre honestamente a sua missão, não pode ver com bons olhos o preguiçoso, o parasita, que passa a vida às esquinas a maldizer tudo e todos, a infestar as baiúcas do vinho, ou a lançar a mão à caridde.

O trabalho é fonte de vida, de virtude e de progresso.

ABRIL DE 1971

Ainda no desenvolvimento dos temas dos últimos 2 números, apresentamos mais um depoimento que nos vem dum jovem militar.

BISSAU, 5 de Março de 1971.

Sr. Director:

Tenho o ensejo de lhe escrever com a finalidade de dar a minha opinião sincera acerca do inquérito da «Voz das Cinco Vilas» sobre os jovens de hoje:

★

I — As relações entre os jovens de hoje deveriam decorrer na máxima harmonia, sem hipocrisia, mas infelizmente hoje são poucos os exemplos dessa harmonia e são camaradagem.

★

II — Nas raparigas de hoje condeno a sua falsidade para quem nelas confia, pois na maioria das vezes, um excesso de confiança leva à destruição um ser humano, tornando-o um farrapo aos olhos do mundo.

Terá chegado a altura de se poder confiar numa rapariga?

Termino, desejando as maiores felicidades para o nosso jornal.

Armando Moreira Fernandes de Oliveira — Fuzileiro Naval — SPM 0088 (de Avelar)

Ciclo Preparatório em Ansião

Como já é público, está projectado iniciar-se em Outubro próximo o funcionamento do **Ciclo Preparatório em Ansião**, criado a pedido desta Câmara Municipal, em Dezembro do ano findo, por Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional.

Importa saber, entre outras coisas, qual o número aproximado de alunos que virão requerer a sua matrícula naqueles estudos (1.º e 2.º anos), já que está em estudo a obtenção de redução de 50% no custo dos bilhetes dos transportes por carreiras de camionetas que servem a sede do concelho.

Assim se solicita aos interessados, se dignem informar a Secretaria da Câmara Municipal de Ansião, se os seus filhos serão alunos do Ciclo Preparatório já no corrente ano de 1971.

«E... a paz voltou a reinar na terra»

«Num dos últimos domingos, na igreja da Moita (Anadia) uniram-se pelo Matrimónio Maria Teresa dos Santos Moita, de 19 anos, e Amadeu Henriques, de 17. No decurso da boda e quando a sopa começava a servir-se, o «pombinho» correu para a rua, dizendo que ia deitar-se a um poço.

Todos se precipitaram para o campo que servia de moldura à cena, procurando em todos os poços confinantes, a «vítima». Mas nada de anormal encontraram.

Mais tarde, com a boda desfeita pelo insólito acontecimento, o «verde» noivo veio a ser encontrado a assistir a um desafio de futebol e... a paz voltou a reinar na terra».

(De «O Lutador», de Aveiro)

O carvalho e o morangueiro

Era uma vez um carvalho e um morangueiro, que se encontraram na vida.

O carvalho estava ali, postado, empertigado, rebentado de orgulho, fazendo conta que todo o mundo era dele. O morangueiro, ao invés, lá ia rastejando, rastejando, todo humilde e apagado, mas florindo de branco e frutificando rubis.

— Boas tardes, amigo! — saúda este.

— Boas tardes, não; bons dias...

— Mas ele, se não me engano, já bateram as doze há muito. E são... deixa ver o relógio... são já nada menos que três horas!

— E ele a dar-lhe! São bons dias, é o que lhe digo, que assim mando eu! Relógio certo, só este da minha cabeça! É quem tudo regula...

— Mas veja lá bem, senhor; caia na conta! O seu relógio deve estar parado... Ou, talvez, ainda a dormir a sesta...

— Parado és tu, atrevido, que aí te estacas diante de mim, a contrariar-me!

— Então, se não quer cair na conta, não caia! Fique-se lá na sua, carvalho duro e altivo, que eu cá sigo o meu caminho! A sua sombra é que eu me não abrigo, que me caem em cima as bolotas... As plantas conhecem-se pelos frutos: Os meus vão à mesa dos príncipes; os seus andam no focinho dos porcos.

Abel Guerra

Desastre mortal na Ameixieira

(Continuação da 1.ª pág.)

todos os que o conheciam, por quem era muito considerado, dadas as suas boas qualidades e nobres sentimentos.

Morreu a caminho da casa do pai a quem ia visitar é levar a prenda da Páscoa. Morreu ao fazer uma boa acção. Terá a recompensa de Deus.

Paz à sua alma.

VII

RIMINI-VENEZA

De San Marino a Veneza são cerca de 220 quilómetros — pouco mais que Coimbra-Lisboa.

Saimos a rasar o meio-dia, com duas cidades no pensamento: Rimini e Veneza.

Rimini — cidade de 120.000 habitantes — divisava-se já próxima, beijada pelas águas serenas e muito azuis do Mar Adriático. O movimento, através das suas avenidas amplas e arborizadas, é intenso. Dirigimo-nos à sua praia, cosmopolita, com quilómetros de extensão. Ao colarido das barracas, junta-se todo um ambiente festivo que lhe é dado pela música que se ouve por toda a parte.

Diz a tradição que terá sido aqui, em Rimini, que Santo António — o nosso querido Santo António de Lisboa — terá feito o seu sermão aos peixes, desiludido do acolhimento dos homens... De qualquer modo, este foi um dos campos de apostolado do nosso Taumaturgo. Recordámo-lo ali.

Demorámos pouco. Queríamos chegar cedo a Veneza.

Todo o percurso a percorrer se nos afigurava aliciente. É que o mapa indicava, a traço vermelho, estrada toda situada na orla marítima, mesmo juntinho ao mar. Não nos iludimos. E o que vimos de Rimini a Veneza — Santo Deus! Todo um conjunto de praias, enormes blocos de construção moderna, unidades hoteleiras, etc. — O nosso companheiro observou-nos: isto é o que começa at ser ou será daqui a uns anos, o nosso Algarve.

Bellária, Cesinnato, Cérvia, Porto Garibaldi, Chioggia — aglomerados progressivos de construções ousadas, edifícios esguios, todos voltados para o futuro. Em tudo um aspecto de modernidade, de há 2, 5 ou 10 anos apenas...

Aqui e além canais navegáveis com pesca desportiva. De mistura alas florestais intensíssimas à beira das estradas. Não faltam, também, grandes pomares, bem tratados e até, numa bela expressão de cor e beleza, belos campos de flores.

Ao cair da tarde eis que nos aproximamos de... Veneza! A Veneza — cidade típica das gôndolas e da arte! Antes o panorama dum importante zona industrial, com refinarias, metalurgia, etc., etc.. Depois, olhando a cidade, o aglomerado enorme dum urbe marítima em que sobressaíam as numerosas igrejas de cúpulas imponentes.

Veneza é uma cidade quase totalmente construída adentro dum zona de mar. Os numerosos canais substituem as ruas de qualquer cidade normal.

A chegada deparámos com enorme parque de estacionamento de carros ao ar livre, numa superfície de milhares de metros quadrados. Nós, porém, desejávamos que o nosso auto-

móvel ficasse na grande Garagem da cidade — garagem que comporta 4.500 veículos. E lá ficou, no 9.º andar.

Depois... depois seguimos numa gôndola (barco típico a remos). O tráfego de barcos por todos os canais é intenso, pois, a par das gôndolas, há os táxis a motor e carreiras fluviais. Da gôndola aportámos ao hotel. Ficámos bem instalados, o que nos ajudou a um conveniente repouso.

Restáva-nos agora uma cuidada visita à cidade. «Visitar Veneza — lemos num pequeno guia — é uma experiência nova e insuspeitável pelo que tem de irreal». Assim é, com efeito.

Grande parte dos turistas põem como centro principal de atracções a célebre Praça de São Marcos — praça grandiosa com a sua enorme basílica e palácio ducal, rodeada de palácios maravilhosos, de milhentos estabelecimentos de ourivesaria e bijouterias a seduzir o visitante, e de restaurantes e cafés, em frente dos quais, em esplanadas ao ar livre, magníficas orquestras e cantores enchem de encantamento o ambiente, com os seus acordes e cantares.

De manhã é o espectáculo cheio de ternura de bandos de pombas que mansamente poissam junto dos visitantes que, à mão, lhes dão milho (vendido ali mesmo). É, também, a catedral (séc. XI) com trabalho feito ao longo de 500 anos, rico repositório de arte em talha dourada e mosaicos de influência marcadamente oriental.

A noite é todo um ambiente de arte e alegria, nesta enorme praça banhada de luz a regorgitar de gente, em amigo convívio, ao som dos acordes musicais. Artistas de pintura, aqui e além, realizam os seus quadros.

No dia seguinte, fomos de longada, de taxi marítimo, até ao Lido (Praia). Antes, porém, fizemos paragem, numa ilha próxima, onde se encontrava uma notável exposição da XXXV.ª Bienal Internacional de Arte. 32 países estavam presentes com os seus pavilhões. Com tristeza notámos a ausência de Portugal.

A artística Ponte de Rialto, a Basílica della Salute, a ilha de São Jorge, são locais do maior interesse, evocativos de arte e beleza que jamais esqueceremos.

Veneza — uma cidade ímpar no Mundo, ninfa banhada pelas águas prateadas do Adriático, beijada por um sol acariciador.

Veneza — maravilha do poder criador de Deus e da perícia do engenho humano que por toda a parte reflecte cintilações da sua inteligência, do seu espírito, da sua arte.

Veneza — cidade antiga mas a viver em clima de plena vitalidade e juventude.

Foi com saudade que deixámos Veneza!

A. S.

Por motivos imprevistos este número é de apenas 4 páginas. O último, porém, publicou 8 páginas.